

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# FAMÍLIAS EVANGÉLICAS E ASPIRAÇÕES ESCOLARES EM PERIFERIAS URBANAS

Marina Minarelli, Mauricio Ernica

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13938>

Submetido em: 2025-10-30

Postado em: 2025-11-10 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## ARTIGO

# FAMÍLIAS EVANGÉLICAS E ASPIRAÇÕES ESCOLARES EM PERIFERIAS URBANAS

MARINA NASCIMENTO MINARELLI<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4968-6555>

<mahminarelli@gmail.com>

MAURICIO ERNICA<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9911-7011>

<mauernica@gmail.com>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo (SP), Brasil

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo analisar se e como a religiosidade evangélica influencia a relação de famílias de classes populares com a educação escolar. Foi feita uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico em um bairro da periferia de São Paulo, incluindo a frequência a rituais e entrevistas semiestruturadas em profundidade com famílias pertencentes a diferentes frações de classe e vertentes evangélicas. Conclui-se que a religiosidade oferece suporte simbólico e material às famílias, legitimando seus esforços de autorregulação e controle moral, mas sua influência nas aspirações escolares e nas práticas visando assegurá-las varia conforme a posição dessas famílias. A influência da religião na construção de aspirações mais ambiciosas e de práticas mais eficazes depende de condições que apenas as frações mais altas conseguem garantir. Nas frações sociais mais baixas, as famílias não possuem força para fazer frente às circunstâncias vulneráveis em que vivem e no máximo buscam a regulação da própria mãe e da figura masculina. As igrejas que as famílias investigadas frequentam atendem um público com demandas parecidas as suas, o que, para as frações mais altas corrobora para manterem esforços e aspirações escolares mais longevas, como o ensino superior, enquanto as frações mais baixas não asseguram sequer a conclusão da escolarização obrigatória, com pares religiosos também com baixa escolaridade.

**Palavras-chave:** educação, classe social, religião evangélica, desigualdade social.

## EVANGELICAL FAMILIES AND SCHOOL ASPIRATIONS IN URBAN PERIPHERIES

**ABSTRACT:** The article aims to analyze whether and how evangelical religiosity influences the relationship of working-class families with schooling. A qualitative ethnographic study was conducted in a neighborhood on the outskirts of São Paulo, including participation in religious rituals and in-depth semi-structured interviews with families belonging to different class fractions and evangelical

denominations. The findings indicate that religiosity provides both symbolic and material support to families, legitimizing their efforts at self-regulation and moral control. However, its influence on educational aspirations and on practices aimed at achieving them varies according to families' social position. The role of religion in fostering more ambitious aspirations and more effective practices depends on conditions that only the higher fractions are able to secure. Among the lower fractions, families lack the strength to cope with the vulnerable circumstances in which they live, limiting themselves largely to regulating the role of the mother and the male figure. The churches attended by the families studied serve a public with similar demands, which, for the higher fractions, helps sustain longer-term educational aspirations, such as higher education, whereas the lower fractions are unable to ensure even the completion of compulsory schooling, with religious peers also having low levels of education.

**Keywords:** education, social class, evangelical religion, social inequality.

### **FAMILIAS EVANGÉLICAS Y ASPIRACIONES ESCOLARES EN LAS PERIFERIAS URBANAS**

**RESUMEN:** El artículo tiene como objetivo analizar si y cómo la religiosidad evangélica influye en la relación de las familias de clases populares con la educación escolar. Se realizó una investigación cualitativa de carácter etnográfico en un barrio de la periferia de São Paulo, que incluyó la asistencia a rituales religiosos y entrevistas semiestructuradas en profundidad con familias pertenecientes a diferentes fracciones de clase y vertientes evangélicas. Se concluye que la religiosidad ofrece apoyo simbólico y material a las familias, legitimando sus esfuerzos de autorregulación y control moral. Sin embargo, su influencia en las aspiraciones escolares y en las prácticas destinadas a alcanzarlas varía según la posición social de las familias. La influencia de la religión en la construcción de aspiraciones más ambiciosas y de prácticas más eficaces depende de condiciones que solo las fracciones más altas logran garantizar. En las fracciones sociales más bajas, las familias carecen de fuerza para enfrentar las circunstancias de vulnerabilidad en que viven y, en el mejor de los casos, buscan la regulación de la figura materna y masculina. Las iglesias a las que asisten las familias investigadas atienden a un público con demandas similares a las suyas, lo que, para las fracciones más altas, contribuye a sostener esfuerzos y aspiraciones escolares más duraderas, como la educación superior, mientras que las fracciones más bajas no aseguran siquiera la conclusión de la escolaridad obligatoria, y sus pares religiosos también tienen bajos niveles de educación.

**Palabras clave:** educación, clase social, religión evangélica, desigualdad social.

### **INTRODUÇÃO**

O crescimento das religiões evangélicas no Brasil tem sido acompanhado da expansão das pesquisas sobre elas. É o caso deste artigo, que se situa no subconjunto de trabalhos dedicados a investigar se e como essa fé pode influenciar outras dimensões da vida, como a educação. Seu objetivo específico é

aprender as possíveis implicações do modo de vida evangélico, entre famílias populares, na construção de expectativas escolares e na organização de práticas familiares voltadas para a escolarização.

O trabalho está construído na intersecção de, sobretudo, dois domínios científicos: a sociologia da educação dedicada à relação das classes populares com a escola e os estudos sobre religiões evangélicas. Esses grupos de trabalhos pouco dialogam entre si. Enquanto a sociologia da educação considera classe social como categoria analítica central para a compreensão das relações dos grupos populares com a escola e raramente aborda a religiosidade das famílias, as pesquisas sobre religiões evangélicas pouco analisam a questão da educação escolar e normalmente não utilizam classe social como categoria analítica, mobilizando-a sobretudo como uma categoria descritiva da posição de classe da população estudada.

Esse artigo procura estabelecer um diálogo com essas literaturas, para analisar a relação de grupos populares evangélicos com a escolarização. A pesquisa empírica foi realizada em um bairro da periferia de São Paulo, que possui desigualdades internas e diversas igrejas evangélicas. Foram entrevistadas cinco famílias com crianças e jovens em idade escolar, cujas responsáveis (todas mulheres) eram integrantes ativas de suas igrejas<sup>1</sup>.

## **ESCOLARIZAÇÃO NOS GRUPOS POPULARES: CLASSE SOCIAL COMO CATEGORIA ANALÍTICA**

A relação entre escolarização e estrutura de classes é um tema central na sociologia da educação. Para este trabalho, duas teses centrais de Pierre Bourdieu são particularmente importantes. Uma delas sustenta que as famílias das classes sociais culturalmente mais próximas da escola têm vantagens no espaço escolar, mesmo que estas estejam dissimuladas pelo discurso de igualdade e universalismo que a escola promove (Bourdieu, 2007a; 2007b). Uma segunda tese sustenta que as diferentes classes sociais mantêm relações e expectativas escolares distintas com a escola, que variam em função do volume e da estrutura de seus capitais e da dependência que elas têm das credenciais escolares para a sua reprodução social (Bourdieu, 2007a). Essa segunda tese dá ênfase à dimensão temporal dos investimentos escolares, pois requerem um acúmulo de capitais que não apenas proporcionam práticas regulares visando a escolarização, como devem permitir algum poder sobre o ordenamento das relações sociais futuras nas quais as credenciais escolares serão rentáveis.

A partir dessas teses, e em debate crítico com a obra de Bourdieu, a relação de famílias populares com a escola foi construída como um objeto de pesquisa específico. Na França, Claude Grignon e Jean-Claude Passeron (1989) e Daniel Thin (2006; 2010) compreendem que a relação das famílias de classes populares com a escola é ao mesmo tempo, e contraditoriamente, estruturada pela dominação à qual elas são submetidas e por certa busca de autonomia, pela qual elas buscam se afastar das relações em que a dominação está acentuada e desenvolver mais livremente práticas distantes da lógica escolar.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada “Educação e religiosidade evangélica nos meios populares: expectativas das famílias sobre escolarização e educação moral”, defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Unicamp.

Complementarmente, nos Estados Unidos, as pesquisas qualitativas sobre a relação das classes populares com a escola são influenciadas pela obra de Anette Lareau (2007), que caracteriza as lógicas de criação dos filhos que seriam próprias das classes populares e das classes médias. Essas últimas se caracterizariam por um conjunto de práticas cotidianas e racionalizadas regidas para a promoção do desenvolvimento das potencialidades individuais percebidas nas crianças. Disso decorreria uma relação com a escola que conferiria ampla vantagem a essas famílias, uma vez que elas são próximas não apenas dos saberes mobilizados e transmitidos pela escola, como também das formas pelas quais, nessa instituição, se estruturam as práticas legítimas e as relações de poder. Por sua vez, as classes populares estariam orientadas por um conjunto de práticas cotidianas orientadas pela estipulação de limites que não devem ser ultrapassados, mas que, dentro deles, confere-se às crianças bastante liberdade e tempo livre. Essa lógica de socialização das crianças seria guiada por baixa explicitação racional das normas que ordenam as práticas e por um princípio de autoridade baseado no poder inerente aos papéis exercidos na família e que não é aberto à discussão. Essas famílias possuiriam uma lógica de socialização que não é apenas mais distante da escola, como ainda instaura uma relação das famílias com essa instituição que lhes é desfavorável.

Também nos Estados Unidos, Michèle Lamont (2000) desenvolve uma abordagem que intersecciona raça/etnia e classe social, comparando as classes trabalhadoras branca e negra dos Estados Unidos com as classes populares branca e magrebina francesa. Uma tese geral de Lamont é que, em face dos baixos recursos econômicos, culturais e sociais que as classes populares possuem para fazer frente às necessidades prementes e para evitar os riscos a que estão expostas (como violência, drogas e criminalidade), elas são levadas a buscar um rigoroso ordenamento moral do mundo, pelo qual procurariam instaurar a segurança da família e uma ordem social estável e previsível. Essas famílias ansiariam que outras instituições, como a escola e o trabalho, reforçassem o esforço de construção dessa ordem social.

No Brasil, a relação entre famílias populares e escola tem se inspirando em ambos os debates, francês e norte-americano. Paixão (2005), Batista e Carvalho-Silva (2013), Sá (2017), Miranda (2024), entre outros, analisam famílias culturalmente distantes da escola e expostas a necessidades sociais cotidianas urgentes. Devido a isso, essas famílias manteriam uma relação ambivalente com a escolarização: se por um lado declaram valorizar o conhecimento e as credenciais escolares, por permitirem acesso a posições mais estáveis no mercado de trabalho, e declaram se submeter à autoridade escolar, por outro lado, elas não têm meios para fazer investimentos educativos regulares, de longo prazo e que sejam próximos ao universo escolar. Portanto, suas práticas cotidianas em prol da escolarização, por mais que possam revelar esforços intensos, tendem a estabelecer uma relação conflituosa com a escola e a ser pouco rentáveis. Por consequência, em relação às classes médias e superiores, as trajetórias escolares das crianças e jovens de classes populares tenderiam a ser mais conturbadas, curtas e menos orientadas para os ramos escolares mais prestigiosos (Brito, 2017; Portes, 2003). As famílias populares também teriam expectativas escolares que enfatizam sobretudo saberes de ordem ético-moral e de autorregulação comportamental, em detrimento dos saberes conceituais, valorizando muito a escola como um espaço de sociabilidade e proteção dos filhos em relação aos perigos da rua, tais como violência, drogas e más companhias (Batista, Carvalho-Silva, 2013; Soares et al., 2008).

Nesse sentido, essas famílias impõem, frequentemente, regras estritas para a sociabilidade fora da casa e controlam de perto as amizades dos filhos. Esse conjunto de práticas, no entanto, é custoso

e é levado a cabo mais comumente por aquelas famílias que possuem maiores recursos no contexto popular, como: alguma proteção diante da escassez econômica, rede de relações no território e informações sobre as escolas e o funcionamento do sistema de matrículas (Ernica; Batista, 2012; Batista, Carvalho-Silva, 2013).

A religiosidade das famílias é raramente abordada nessa literatura. Nogueira (2013) trata o tema lateralmente ao estudar a relação de famílias populares em trajetória de ascensão para as classes médias, em Belo Horizonte. No período estudado, ao longo da primeira década dos anos 2000, houve a expansão de escolas privadas populares em periferias urbanas de diversas cidades. A autora evidencia que a busca das famílias por essas instituições estava orientada pelo anseio por instituições guiadas pelo ordenamento moral rigoroso das relações sociais e das práticas individuais, afastando as crianças e jovens dos riscos percebidos na vizinhança. Nogueira destaca que algumas das famílias associam a demanda por ordem disciplinar a valores morais professados por instituições confessionais, católicas e evangélicas, sugerindo que a religiosidade exerceria influência na construção de instituições dessa natureza.

Apesar de sinalizar relações entre ordenamento moral, escolarização e religiosidade, a literatura sociológica sobre educação e desigualdades deixa em aberto, portanto, a questão de se a religiosidade em meios populares exerceria influência sobre as práticas das famílias e as expectativas escolares.

## **RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA: ASCESE E A RELAÇÃO COM OUTROS ASPECTOS DA VIDA**

O segundo domínio de análises ao qual nosso objeto de pesquisa foi construído, o dedicado às pesquisas sobre a religião evangélica, parte da constatação de que o crescimento desse grupo ocorre principalmente entre os mais pobres e menos escolarizados, é um fenômeno mais presente nos grandes centros urbanos e seu público é de maioria feminina. Também é consenso que o segmento é muito plural em seu interior, com diferenças de denominação, teológicas e de porte das igrejas (Freston, 1993; Mariano, 2014). Apesar dessas diferenças, o segmento é, de modo geral, marcado pela forte regulação moral, que varia conforme o público e o contexto em que se está inserido. Pesquisas qualitativas, principalmente, pontuam como a identidade e a vivência evangélica possui capacidade de promover estilos de vida específicos, articulando disciplina cotidiana, práticas de ascese e formas de pertencimento comunitário (Spyer, 2020; Novaes, 1985, 2019; Mariano, 2014). Contudo, esses traços comuns não significam a homogeneidade entre evangélicos, como evidencia o fenômeno do trânsito religioso, compreendido como a circulação de fiéis entre diferentes igrejas e a reformulação de práticas e crenças que acompanham esse deslocamento, em que os indivíduos dispõem de autonomia para transitar entre denominações em busca de experiências que respondam melhor às suas demandas subjetivas (Lanza; Sofiati; Cardoso, 2023; Almeida; Monteiro, 2001). Ou seja, apesar da experiência religiosa evangélica promover um modo de vida evangélico, há diversidade entre a população evangélica e não se deve supor que a vida dos fiéis seja um espelho do discurso institucional e doutrinário de suas igrejas (Duarte et al., 2006).

Leite (2009), Machado (2013), entre outros, estudam como as vivências religiosas evangélicas se articulam com outras práticas em contextos de alta vulnerabilidade social, marcados pela violência e

pela presença do tráfico de drogas. Leite (2009), em especial, analisa uma periferia urbana do município do Rio de Janeiro e demonstra que o estilo de vida evangélico pentecostal, marcado pela regulação moral dos comportamentos e das relações sociais, aparece como “uma das principais modalidades de afastamento simbólico dos moradores de favela em relação ao campo da marginalidade e do crime” (Leite, 2009, p. 211). Esse estilo de vida contribuiria para afastar os fiéis do estigma de favelado, conferindo a eles ganhos simbólicos que fortaleceriam neles os sentimentos de autorrespeito e estima de si.

Aproximando-se do tema da educação familiar, as pesquisas de Oliveira e Pedroso (2017) e de Mafra e Almeida (2009), igualmente em contextos urbanos de alta vulnerabilidade social, argumentam que a religião é mobilizada como uma estratégia familiar de evitação dos perigos do bairro. Oliveira e Pedroso (2017) mostram pais e mães que preferem que seus filhos fiquem sob os cuidados dos irmãos de fé porque com eles o risco de desvio moral é menor do que se os filhos ficassem com os próprios familiares. A sociabilidade entre os pares da igreja e o envolvimento com as atividades litúrgicas possuiriam um duplo sentido para essas famílias: o propriamente religioso, pelo qual os pais e responsáveis se esforçam para inculcar sua crença nos filhos (o que é comum em diversas doutrinas), e o de regulação moral das condutas e das relações sociais.

Em uma análise de doutrina, olhando as igrejas neopentecostais, Mariano (2014) argumenta que a Teologia da Prosperidade é uma característica central dessas igrejas, mas que também se disseminou entre outros segmentos evangélicos. Segundo essa teologia, a vida seria um presente de Deus e os indivíduos deveriam, a partir da ascese pregada pela doutrina, buscar os meios para prosperar na vida. Essa prosperidade, porém, não está diretamente ligada à esfera econômica e pode, como no caso da Igreja Universal do Reino de Deus, analisado por Jacqueline Teixeira (2012), estar mais relacionada a valores como perseverança, sacrifício e aprendizado; a prosperidade futura seria uma decorrência desses investimentos. Assim, a análise dessa teologia aponta para duas conclusões: a primeira, é a ratificação da demanda, pelas famílias religiosas, por forte regulação moral das condutas e das relações sociais, consensual em toda a literatura e não restrita aos neopentecostais; a segunda, que essa teologia orientaria as práticas a uma projeção de futuro próspero.

Há divergências e uma convergência entre as pesquisas sobre a sociologia da educação e sobre religiosidade evangélica em classes populares. Do ponto de vista dos objetos e das categorias de análise, elas divergem. Se a sociologia da educação não aborda a religião como questão importante, a literatura sobre religiosidade evangélica também não aborda a educação escolar com importância. Do ponto de vista das categorias analíticas, se classe social, definida em termos relacionais como posição relativa em uma estrutura de posições, é a categoria analítica primordial dessa sociologia, a literatura sobre religiosidade evangélica em classes populares normalmente não utiliza classe social, definida nesses termos, como categoria de análise, restringindo-se, mais frequentemente, a utilizá-la para descrever a posição do grupo estudado – classes populares urbanas.

Uma das poucas pesquisas que articula classe social e religião é produzida em um outro domínio de pesquisa: a sociologia das classes sociais. Jessé Souza (2009; 2012) assume classe social como princípio analítico e se detém na análise de frações de classe popular, investigando a relação entre esses grupos e a religiosidade evangélica. Segundo Souza (2012), o comportamento ascético característico dos segmentos evangélicos permite as frações mais altas dos grupos populares a manter ativa a luta diária por um futuro melhor, em um contexto de constante ameaça de rebaixamento social. As frações mais baixas

desse grupo, por sua vez, teriam na ascese religiosa um meio de lutar contra as constantes ameaças de degradação da vida, afastando-as da violência, do crime, dos vícios etc. Por viverem em situação de alta vulnerabilidade social, Souza (2009) analisa que “a experiência do fracasso é mais forte que a promessa do sucesso” alimentada pela narrativa religiosa de cura espiritual e vitória. Assim, para o autor, a variação na posição social dessas duas frações das classes populares explicaria a possibilidade de disposições de comportamento desenvolvidas no domínio religioso serem transferidas para outros domínios sociais. O autor não distingue, porém, as variações entre as denominações evangélicas, como é feito nas pesquisas sobre religião, e nem relaciona diretamente a questão da religiosidade com a educação.

A convergência desses trabalhos deve ser tratada, por cautela metodológica, como hipótese: uma vez que essas famílias populares evangélicas se apoiariam na religião para manterem seus esforços para empreender um rigoroso ordenamento moral das condutas e das relações sociais, procurando por meio disso se afastar dos perigos do território e obter ganhos simbólicos em termos de reputação, elas demandariam que as escolas fossem regidas por uma ordem moral análoga ao que valorizam e que pudessem reforçar a busca empreendida por essas famílias de regulação das práticas individuais e das relações sociais.

Os trabalhos dedicados a investigar especificamente a relação entre religião e escolarização demonstram ambiguidades em termos de desempenho escolar. No campo quantitativo, estudos nacionais e internacionais (Horwitz, 2022; Cunha et al., 2014; Anuatti-Neto; Narita, 2004; Cerdeira, 2006; Lehrer, 2004; Fan, 2008) sugerem que a proximidade entre valores religiosos e escolares pode favorecer comportamentos associados a melhores desempenhos, mas também apontam diferenças conforme tradições religiosas e posição socioeconômica, como resultados mais baixos entre pentecostais em comparação a católicos e protestantes históricos. Pesquisas qualitativas como as de Montezano (2006) e Teixeira (2012) identificaram, entre protestantes e católicos, possíveis vantagens escolares associadas à disciplina e ao compromisso com os estudos, enquanto Kersch e Silva (2012), com evangélicos pentecostais, discutiram o papel do letramento religioso e da leitura da Bíblia como recursos que poderiam ser transferidos para a vida escolar, ainda que sem analisar sua interação com a classe social.

Nesse debate e em diálogo com a presente pesquisa, os trabalhos de Silva (2023) e Porelli (2024) acrescentam novos elementos. Silva (2023), ao investigar estudantes, professores e familiares em uma escola pública da periferia de Ribeirão das Neves (MG), observa que a participação religiosa pode reforçar disposições como disciplina, leitura e oratória e estimular a permanência nos estudos. Essas disposições, porém, não garante melhores resultados objetivos, em que conflitos seculares podem ser contrários aos ensinamentos religiosos, tais como a teoria da evolução, história e cultural africana, temáticas de diversidade religiosa, gênero e sexualidade. De fato, ao analisar o desempenho dos alunos pelo Teste Global de Aprendizagem, os resultados dos alunos evangélicos era semelhante ao dos alunos católicos e de outras religiões, havendo inclusive maior proporção de reprovação entre evangélicos. Já Porelli (2024), em pesquisa etnográfica com jovens de uma Escola Técnica Estadual (Etec), em Campinas, demonstra que a religiosidade reorganiza práticas, tempos e condutas no cotidiano escolar, mas não se converte em ganhos objetivos de desempenho, evidenciando também que a família e a igreja funcionam como espaços de reforço de normas, ao passo que a escola surge como arena de crítica e debate de temas que são considerados tabus nos círculos religiosos. Em conjunto, essas pesquisas mostram que a religiosidade evangélica e outras tradições religiosas influenciam a vida escolar, mas de maneira ambígua,

revelando convergências quanto ao reconhecimento de seus efeitos sobre práticas e disposições e divergências quanto à existência de vantagens objetivas.

Essas pesquisas, porém, possuem um foco de dentro da escola, sem se atentar as nuances das relações familiares com a religiosidade em si e tampouco analisam diferenças intraclasses dentro e fora do ambiente religioso.

Nossa análise parte dos acúmulos e das lacunas desses conjuntos de pesquisa. Retivemos da sociologia da educação a centralidade da classe social como categoria analítica, tratando-a em termos relacionais; isto é, situando as famílias no espaço social umas em relação às outras, compreendendo suas disposições de comportamento (Bourdieu, 2007b). Operando assim, nos concentramos nas classes populares, onde a religião evangélica se expandiu, e nos interessamos nas variações entre frações no interior desse grupo. Retivemos dos estudos sobre religião os achados sobre o modo de vida evangélico e, do ponto de vista analítico, a centralidade da variação entre as denominações religiosas e a distinção entre as práticas dos fiéis e o discurso das instituições.

## **PESQUISA DE CAMPO**

### **Metodologia**

A pesquisa empírica foi desenvolvida no bairro Vila Harmonia,<sup>2</sup> na subprefeitura de São Miguel Paulista (SMP), no extremo da Zona Leste de São Paulo, em um território de alta concentração de pobreza, com diferentes frações de classes populares e uma notória pluralidade de denominações evangélicas. Apesar de pouca extensão geográfica, o bairro é muito populoso e contava com mais de 12 mil habitantes no período de realização do trabalho de campo<sup>3</sup>.

O território é dividido em três regiões conhecidas por parte da comunidade local como Alto, Médio e Baixo Harmonia que, até certo ponto, corresponde a divisão de frações de classe que ali habitam.

O Alto Harmonia é a área mais antiga e urbanizada do bairro, com residências maiores e com melhores estruturas. Essa região fica na parte mais alta do terreno, próxima à estação de trem da CPTM, que dá acesso ao Centro de SMP. Devido sua geografia, essa área do território não é afetada por enchentes, grande problema das partes mais baixas do bairro. Os moradores dessa região são reconhecidos pela comunidade por serem o grupo socialmente mais bem posicionado do bairro. O Médio Harmonia fica na área intermediária do bairro e passou por um processo de urbanização relativamente organizado e liderado pela Prefeitura. Mesmo assim, essa área é mais adensada e possui diversas vielas, com famílias que compartilham o mesmo lote de terreno. No outro extremo do bairro, o Baixo Harmonia fica próximo à várzea do Rio Tietê, região que sofre com enchentes e que lida com um córrego, a céu aberto, que recebe parte do esgoto não tratado da região. Essa é uma parte ainda mais recente do bairro e que não é urbanizada. A maioria das moradias são construções irregulares, fruto de ocupações que disputam sua permanência e reconhecimento por parte da prefeitura e da própria comunidade, que trata a área como invasão. O Baixo Harmonia é percebido por parte dos moradores como um território perigoso, marcado pela presença mais intensa da criminalidade.

---

<sup>1</sup> Para preservar a identidade dos participantes e poder utilizar os nomes verdadeiros das igrejas investigadas, o nome do bairro e das pessoas entrevistadas são fictícios.

<sup>3</sup> Estimativa realizada pela Unidade Básica de Saúde local, em 2017, período de início da pesquisa de campo.

Há também desigualdades marcadas nas oportunidades educacionais do território (Ernica, Batista, 2012; Batista, Carvalho-Silva, 2013). Os moradores do bairro classificam as escolas locais em uma estrutura hierárquica que é operada mesmo pelas famílias que não procuram escolher os estabelecimentos escolares. As escolas são avaliadas, principalmente, do que se percebe do comprometimento dos professores, de sua ordem disciplinar e das características dos alunos matriculados. Embora nenhuma família mencione o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), a estrutura de hierarquização das escolas operada por elas possui nítida correlação com esse indicador.

A Vila Harmonia possui uma escola estadual que é percebida por muitas famílias como a extensão dos problemas da rua: não garante os aprendizados escolares e ainda expõe os alunos a diversos riscos, como episódios de violência, uso ou comercialização de drogas, além de reclamações da gestão e dos professores. As demais escolas que atendem os moradores da Vila Harmonia estão no Centro de SMP e são próximas umas das outras. Apesar de serem consideradas melhores que a escola do território, as instituições do centro também sofrem críticas, sobretudo relativas à segurança e à ordem disciplinar.

A diversidade de igrejas presentes no território também se relaciona com a estrutura de desigualdades socioespaciais. Foram identificadas 20 igrejas no território (18 evangélicas e 2 católicas). O contato com elas variou de acordo com a disponibilidade de seus líderes e, ao final, foram presenciados 31 rituais em 10 igrejas e realizadas entrevistas com cinco lideranças. Procuramos contemplar tanto a variação denominacional presente no bairro (protestantes históricos e pentecostais) quanto a variação nas posições de classe social entre os fiéis.

Por fim, foram entrevistadas cinco famílias de três igrejas<sup>4</sup>. O contato com os informantes e com os sujeitos entrevistados foi realizado a partir da técnica de bola de neve. Como critérios para seleção das famílias, foram considerados: a forte crença e a ativa socialização religiosa e a presença de indivíduos da família na educação básica. Foram estabelecidos ao menos três contatos com entrevistas semiestruturadas com a pessoa responsável pela condução da vida religiosa e da escolarização familiar, além da observação das entrevistadas nos rituais religiosos. Inspirados nos retratos sociológicos de Lahire (2004), caracterizamos as famílias de modo a identificar sua posição e trajetória no espaço social, no campo religioso e na sua relação com a escolarização (trajetórias, práticas cotidianas, expectativas).

## **Campo Religioso**

Foram mapeadas 18 igrejas evangélicas no interior do bairro, concentradas, principalmente, no Alto e no Médio Harmonia. No centro de SMP, há ainda muitas outras igrejas evangélicas, além de uma catedral católica, que também são frequentadas por moradores do território. No centro, as igrejas são maiores e quase todas são pertencentes a grandes denominações, de abrangência nacional. As igrejas da Vila Harmonia são predominantemente pequenas e locais e a maioria se encontra entre o Médio e o Baixo Harmonia. Algumas são sediadas em outros bairros da Zona Leste da cidade (duas das igrejas visitadas) e outras foram fundadas no próprio bairro por moradores locais (seis das visitadas). Com exceção da Congregação Cristã do Brasil, primeira onda pentecostal, também são de pequeno porte as igrejas locais pertencentes a grandes denominações, como a Deus é Amor, segunda onda, a Igreja

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, sob o parecer nº 3.771.710, de 13 de dezembro de 2019.

Adventista do 7º Dia, protestante, e sete diferentes ministérios da Assembleia de Deus, primeira onda pentecostal.

Antes de seguir com a descrição da pesquisa de campo, cabe retomar brevemente a análise histórico-institucional do segmento pentecostal realizada por Paul Freston (1993), que caracteriza os principais momentos de transformação dessa vertente e cuja sistematização é relevante para compreender como essas variações se manifestam no campo estudado. Freston (1993) identifica três ondas do pentecostalismo no Brasil, que expressam diferentes formas de inserção social e renovação religiosa. A primeira onda, ou pentecostalismo clássico, surge com a Congregação Cristã do Brasil (1910) e a Assembleia de Deus (1911), marcada pelo anticatolicismo, ascetismo rigoroso e adesão predominante de grupos populares de baixa escolaridade. A segunda onda, iniciada na década de 1950, introduz o evangelismo de massa e a ênfase na cura divina, expandindo-se sobretudo entre os segmentos mais pobres de grandes centros urbanos (Mariano, 2014; Freston, 1993). Já a terceira onda, o neopentecostalismo dos anos 1970, mantém a centralidade da cura e dos meios de comunicação, mas inova ao enfatizar a guerra espiritual contra o mal, a pregação da Teologia da Prosperidade e a liberação de alguns usos e costumes (Mariano, 2014).

Na Vila Harmonia, identificamos denominações das três ondas, mas a composição social dos fiéis e o tamanho e a estrutura das igrejas parece ter mais impacto para a pergunta de pesquisa – relação com a escolarização – do que o discurso litúrgico em si. Na Congregação, primeira onda, e na Batista, protestante histórica, de maior porte e situadas no Alto Harmonia e no centro, há pessoas com nível superior, embora sejam poucas; na Assembleia de Deus, também da primeira onda, no Médio Harmonia, há mulheres com curso técnico de enfermagem. As igrejas pequenas, por sua vez, mais presentes no Médio e Baixo Harmonia, recebem pessoas das frações sociais mais baixas, em que apenas excepcionalmente vemos fiéis que acessaram o ensino superior ou mesmo a formação técnica de nível médio.

Portanto, a pluralidade evangélica ocorre não apenas no que diz respeito a variações teológicas, mas também em relação a sua estrutura institucional e na composição dos fiéis. As igrejas menores dependem de poucos fiéis para serem viabilizadas e estão sob constante risco de fechar, como foi presenciado ao longo do campo. Por isso, elas têm poucos recursos para oferecer atividades próximas ao universo escolar. Apenas as denominações de maior porte, localizadas no Alto Harmonia ou no centro e com sedes fora do território, contam com uma quantidade grande de fiéis assíduos e possuem capacidade de oferecer atividades tais como: leitura e escrita, cursos de música, estudo da doutrina e atividades de sociabilidade diversa, dentro e fora da igreja. Dentre as igrejas visitadas, apenas três ofereciam tais atividades de forma contínua: duas são de grande porte, a Batista, protestante histórica, localizada no centro, e a Congregação, primeira onda pentecostal, entre o Alto e o Médio Harmonia; a terceira é uma igreja grande local, no Alto Harmonia, com sede fora do território, da terceira onda.

Apenas nas igrejas com maior estrutura e de atuação nacional, como a Batista e a Assembleia de Deus, os líderes são mais escolarizados e possuem formação teológica de tipo escolar, oferecida pela própria denominação; nelas, os líderes revelam ler em voz alta com fluência e fazem interpretações mais elaboradas das passagens lidas em púlpito. Nas igrejas pequenas, que são a maioria no bairro, os líderes possuem baixa escolarização, não têm formação teológica de tipo escolar e muitos sequer conseguem ler em voz alta com fluência. Assim, o exercício de leitura da Bíblia, comum nos meios evangélicos, apareceu

na pesquisa de campo como prática que varia de acordo com a estrutura da igreja, a escolarização dos líderes e a composição social dos fiéis.

As diferenças de estrutura institucional, de escolarização e posição social dos líderes religiosos e dos fiéis também têm consequências sobre o discurso litúrgico propriamente dito. O discurso voltado à forte regulação moral, apontado como característica comum das denominações evangélicas, foi verificado em todas as igrejas visitadas. No entanto, as questões sobre as quais incidem variam. Assim, a Congregação, da primeira onda pentecostal, e a Igreja Batista, protestante histórica, que recebem fiéis da fração social mais alta da Vila Harmonia e das classes médias de outros bairros da região, costumam abordar temas relacionados ao valor da família e do trabalho. Nelas, quase não se ouvem narrativas de superação de dificuldades sociais. Por sua vez, os relatos marcados pela exposição à pobreza e aos riscos sociais são rotineiros nas igrejas que atendem um público em condições de maior vulnerabilidade, como é o caso da Assembleia de Deus visitada, também da primeira onda pentecostal, e outras igrejas, da segunda e terceira ondas.

Foram entrevistadas duas famílias da Congregação, uma da fração de classe mais alta, Sílvia, e outra da fração intermediária, Sônia. Como disse um informante, essa igreja é conhecida por receber as pessoas “esnobes” do bairro, o que se deve a suas regras rígidas de vestimenta e conduta e à forte divisão entre os gêneros durante os rituais. O líder religioso não aceitou ser entrevistado e, por isso, não sabemos qual é a sua escolaridade e nem se teve formação teológica de tipo escolar. Ele, porém, assim como outros integrantes da igreja, faz leituras com fluência. A Congregação, além de possuir estrutura nacional, é a maior igreja do bairro, em termos físicos e de público, e consegue promover práticas homólogas às escolares, tais como a escola dominical, ofertada para grupos de várias idades, e as aulas de instrumentos para a orquestra, exclusiva para o sexo masculino.

As demais entrevistadas, das frações de classe intermediária e baixa, eram fiéis de igrejas locais, ambas no Médio Harmonia. A Igreja Pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo (IPAPC) é a única em que a líder religiosa é uma mulher e que ofertava cultos diariamente. Diferente das igrejas que atendem um público de frações sociais mais altas, o discurso de regulação moral da IPAPC se volta, sobretudo, à superação de vícios e de situações decorrentes da pobreza. O público que a igreja atende, apesar de haver algumas famílias da fração intermediária, também possui baixa escolarização. Apenas os fiéis mais jovens haviam completado a educação básica e a pastora estudou até a segunda etapa do Ensino Fundamental. Sua leitura é frequentemente entrecortada por pausas. A IPAPC não oferece atividades próximas às escolares por falta de espaço e materiais e pela ausência de adultos que possam mediá-las.

A outra igreja visitada, com entrevista de uma família da fração mais baixa, foi a Comunidade Cristã Nascidos para Vencer. Essa é a única denominação visitada do território que, como o próprio nome sugere, aproxima-se da Teologia da Prosperidade. Nas entrevistas, o pastor relacionava o nome da igreja com o modo empreendedor como lida com sua barbearia e seus outros trabalhos. Porém, o discurso da prosperidade nos rituais está mais relacionado ao autocontrole da vida pessoal, à melhoria das relações familiares e à superação dos vícios do que ao sucesso financeiro futuro. Assim como na IPAPC, o público dessa igreja é das frações intermediária e baixas do território, sendo que apenas os frequentadores mais jovens haviam concluído a educação básica. A leitura em púlpito, porém, ocorre de maneira fluente, o que indica um certo nível de escolarização do líder, comparado aos seus pares de igrejas locais e que atendem a esse público. Sendo pequena em estrutura e com menos de 20 frequentadores assíduos, essa igreja também não possui capacidade de oferecer práticas homólogas às práticas escolares. Porém,

associado ao discurso empreendedor, o líder mantém a banda da igreja apenas com os jovens que frequentam a escola, afirmando a importância da educação para o sucesso profissional. O pastor, devido à barbearia que mantém, faz alguns cursos de atualização no ofício e tinha certificados de conclusão expostos nas paredes do negócio. Ele não quis fazer entrevista, mas aceitava a presença nos cultos e conversou com a pesquisadora na sua barbearia.

### **As frações de classe**

Sílvia foi a entrevistada da fração de classe mais alta. Sua família é a única que possui meios que lhe asseguram maior estabilidade e permitem que possa elaborar e efetivar estratégias de reprodução social mediadas pela educação escolar e moral-religiosa. Ela é casada e mora com o esposo e as duas filhas, de 17 e 19 anos, no Médio Harmonia, no segundo andar de um terreno onde também mora sua sogra.

Sílvia e o esposo têm empregos estáveis. Ela trabalha em uma biblioteca comunitária do bairro, mantida por uma organização social. Ele tem emprego formal em uma empresa de transportes. A estabilidade de emprego dos adultos permitiu à família organizar a rotina e apostar em um futuro mediado pela escolarização. Os dois, já adultos, ingressaram no ensino superior em universidades privadas de SMP. Ela é pedagoga com especialização em psicopedagogia e fez outros cursos complementares em instituições privadas. Ele, no momento da pesquisa, havia trancado a matrícula no curso de Administração. A filha mais nova cursava o 3º ano do ensino médio em uma escola pública da região central de SMP e, ao mesmo tempo, um curso técnico de nutrição em outro bairro da Zona Leste. A filha mais velha estava no 4º semestre de direito da mesma universidade privada em que os pais estudaram e fazia um estágio para ajudar a custear os seus estudos.

Sílvia considera seu trabalho importante para a comunidade e uma atividade que lhe confere prestígio e lhe permite manter relações sociais para fora do território, com pessoas com alto capital cultural e simbólico. Ela reconhece que seu trabalho influencia a sua relação com a religião, a maneira de educar as filhas e sua percepção da educação escolar. Por causa de sua formação em pedagogia e seu trabalho na biblioteca, Sílvia também declara se relacionar com as práticas letradas de maneira mais desinteressada e procura transmitir isso a suas filhas: ambas frequentam e retiram livros na biblioteca em que a mãe trabalha, possuem o hábito de ler juntas e são estimuladas a fazer diversos cursos e atividades culturais que são oferecidas na organização social em que Sílvia trabalha, como dança e capoeira; além disso, a família também custeou um curso de inglês fora da Vila Harmonia para as filhas.

Apoiando-se no trabalho formal e estável, a família de Sílvia pode construir a inserção do ensino superior pelas filhas como objetivo explícito e, para realizá-lo, faz investimentos específicos. Ela evitou a escola do bairro e buscou matricular as filhas nas escolas públicas do centro de SMP; manteve diálogo constante com a direção da escola; pagou e incentivou cursos extracurriculares; buscou promover o hábito da leitura; estimulou a sociabilidade e o lazer das filhas fora da Vila Harmonia e até chegou a questionar os projetos pedagógicos da escola:

“Uma vez eu até fui falar com a professora de português – tudo bem que eu trabalho com isso – ‘Qual o livro que você tá lendo com os alunos?’ Não tinha. ‘Qual projeto de literatura você tá tendo com os alunos?’ Não tinha. Sabe? Tudo muito vazio” (Entrevista - Sílvia).

A sociabilidade de Sílvia, diferentemente das outras entrevistadas, não é limitada às relações familiares e religiosas. Nessa família há também outra coisa rara em relação as outras do território: a coesão moral e religiosa. Sílvia e seu esposo são batizados e frequentam regularmente os cultos da Congregação. Embora suas filhas não sejam batizadas e não costumem participar assiduamente dos rituais religiosos, há uma coesão moral na família, o que reforça uma certa coerência nas estratégias de evitação dos perigos que percebem na escola, no bairro e na cidade. A evitação do território foi facilitada por elas estudarem no centro de SMP. Elas não brincavam na rua e tinham apenas duas amigas na vizinhança. Na Vila Harmonia, frequentavam apenas a organização da sociedade civil que mantém a biblioteca onde Sílvia trabalha.

As filhas chegam a questionar a doutrina religiosa dos pais, mas não deixam de realizar as expectativas escolares e morais da mãe. Sílvia negocia alguns valores de ordem religiosa com valores seculares. Por exemplo, conversa com as filhas sobre o respeito à homossexualidade, algo que não é compartilhado nem por seu marido, nem por sua igreja; ela também compreende que pode participar da festa junina na escola porque é uma celebração cultural do país e, não necessariamente, a adoração de santos católicos, o que contraria a sua fé. Apesar desses deslocamentos em relação à moral pregada no púlpito, a frequência à Congregação, uma igreja de grande estrutura da primeira onda pentecostal, reforça suas aspirações e práticas em prol da escolarização, tanto por Sílvia se sentir legitimada pela fé para levá-las adiante, tanto pelo convívio com outros fiéis de frações sociais mais altas do bairro e também mais escolarizados.

Quando fala das escolas em que as filhas estudaram, Sílvia revela expectativas claras sobre o que entende por qualidade educacional. Suas principais avaliações críticas são voltadas aos professores e alunos e às condições de segurança das instituições. Ela diz que sua decepção com a escola aumenta ao ver que mesmo as localizadas no centro de SMP reproduziriam, em suas palavras, o desinteresse dos alunos e a insegurança do bairro. Ela se preocupa com casos de violência e de consumo e venda de drogas em escolas públicas da região. Diferentemente das demais famílias, ela manifesta preocupações de ordem curricular. Porém, como as outras mães, ela afirma que “quem faz a escola são os alunos”.

Em síntese, a estabilidade de emprego, as trajetórias escolares dos pais, as relações sociais para além do território e a natureza específica do trabalho da Sílvia determinam mais fortemente do que a religiosidade propriamente dita a construção das aspirações educacionais da família e as práticas empreendidas para sua realização. Suas expectativas em relação à escolaridade das filhas estão intimamente ligadas a aspiração de um trabalho estável, à segurança física no ambiente escolar e à preservação de valores morais, que acredita serem essenciais para uma educação completa.

Na fração intermediária, entrevistamos a avó Angelina. Ela conta com meios mínimos e mais instáveis para realizar continua e eficazmente práticas de evitação da degradação da vida. Angelina é analfabeta e viveu em condições de alta vulnerabilidade social ao longo de toda a sua vida. Ela adquiriu um mínimo de estabilidade social ao chegar no território,<sup>5</sup> após ganhar um terreno em uma das primeiras ocupações da região, onde ergueu sua casa própria. Na época, ela tinha emprego estável como empregada doméstica. Hoje, é aposentada e possui como renda extra o aluguel de mais duas pequenas casas no

---

<sup>5</sup> Angelina vive em um bairro vizinho à Vila Harmonia. A estrutura do território em que ela vive é muito similar à do estudado; sua residência está localizada no equivalente ao Médio Harmonia. Ela faz parte da pesquisa por ser uma integrante comprometida com a IPAPC.

mesmo terreno, que foram construídas por ela ao longo do tempo. No andar cima da construção, ela vive com a sua neta Bárbara, de 16 anos, e com uma amiga, que recebe pensão do ex-marido.

Sua trajetória é marcada por muitas privações sociais e diversas violências de gênero: começou a trabalhar aos cinco anos, casou-se aos 12, sofreu violência doméstica de mais de um esposo, sofreu alguns abortos e perdeu mais de um filho antes deles chegarem à vida adulta. Assim, Angelina se vê como mulher, mãe e avó “a partir dessa exposição à violência e do seu sofrimento” (Pinto et al., 2011), o que marca a forma como criou sozinha sua filha e cria hoje a sua neta. A estabilidade que adquiriu após a sua chegada no bairro permitiu que ela investisse no futuro da filha: ela completou a escolarização básica e fez cursos técnicos e profissionalizantes. Contudo, para desgosto da mãe, a filha se tornou dependente de álcool, não conseguia trabalho estável, engravidou mais de uma vez estando solteira e realizou um aborto.

Angelina é a principal responsável pela criação de Bárbara, sua neta. Ela dá muita atenção à regulação da sexualidade da neta como meios de evitar que ela reproduza os sofrimentos que experimentou ao longo de sua própria vida e o que considera erros da filha. Também busca garantir que ela conclua a educação básica. Bárbara, porém, havia repetido o 1º ano do ensino médio e o cursava pela segunda vez em uma das escolas do centro de SMP. Antes de ingressar nessa instituição, ela estudava em uma instituição distante da Vila Harmonia, da qual precisou sair após receber ameaças de um aluno que desejava se relacionar com ela e não foi correspondido. Esse episódio fez com que Angelina se preocupasse ainda mais com a segurança e com as companhias da neta.

Angelina acredita que as credenciais escolares são meios de obtenção de postos de trabalho melhores e mais estáveis. Assim, tal como fez com a filha, incentiva a neta a fazer cursos técnicos e profissionalizantes, mesmo que tenha dificuldade para pagar a matrícula e as mensalidades. Em 2019, Bárbara se candidatou a uma vaga em um projeto que oferecia aulas de inglês, informática e outros cursos, mas a família não possuía renda para arcar com a mensalidade de R\$180,00.<sup>6</sup>

Angelina é culturalmente distante do mundo escolar e possui poucos meios para mobilizar estratégias valorizadas pela escola. Ela aceita a autoridade escolar, mas não consegue acompanhar os estudos da neta; não conhece as escolas do bairro e não possui estratégias de matrícula que lhe permita acessar instituições de melhor reputação.

A principal preocupação de Angelina em relação à Bárbara diz respeito à regulação moral das relações sociais e de seus comportamentos, notadamente os que envolvem a sexualidade. A sociabilidade de Bárbara se restringe aos espaços escolar e religioso, assim como a de Angelina, que apenas frequenta a igreja e um projeto social do bairro voltado para a terceira idade.

A vida religiosa da avó desempenha um papel fundamental na educação da neta. Angelina se converteu ao evangelho no início da adolescência da Barbara e sempre a fez acompanhá-la nos rituais religiosos. Elas frequentam a IPAPC, entre o Alto e o Médio Harmonia, a maior denominação local do território. As duas possuem responsabilidades no interior da igreja e apenas faltam aos cultos diários por motivos excepcionais:

“A Bárbara é da casa pra igreja, da casa pra escola. Mas também porque eu fico em cima (...) [Ela sempre foi na igreja com você?] Sempre, sempre comigo. Porque não dá pra deixar ela, como é que eu vou deixar ela? Do jeito que é jovem... eu chego e ela tá no mundo? Não! Onde eu for, ela vai” (Entrevista - Angelina).

---

<sup>6</sup> O valor corresponde a 18% do salário-mínimo em vigor naquele ano.

Distante da lógica escolar, exposta a riscos sociais constantes, sem meios para empreender esforços contínuos e de longo prazo na escolarização, Angelina aspira como horizonte escolar máximo para a neta, a conclusão do ensino médio. Apesar de expressar o desejo dela alcançar a educação técnica ou superior, para a garantia de maior estabilidade profissional, Angelina é orientada por uma perspectiva temporal mais curta do que as entrevistadas que se encontram mais bem posicionadas no espaço social, tendo dificuldades até de superar as barreiras da escolarização obrigatória.

Angelina, assim como a outra entrevistada da fração de classe intermediária, Sônia, são as únicas que parecem se relacionar com a vida religiosa a partir de uma estratégia quase deliberada de regulação moral dos seus filhos ou neta. As estratégias educativas, porém, são sempre de evitação dos riscos identificados no bairro e nas escolas, notadamente relacionados à sociabilidade e à sexualidade. Contudo, a eficácia dessas práticas de regulação moral a partir da religião depende também dos padrões de ordem moral existente nos espaços de sociabilidade frequentados pelos jovens. Angelina não disputa em casa o controle moral de sua neta com mais ninguém, o que não acontece com Sônia, cujo marido não compartilha das mesmas crenças e dos costumes evangélicos e tem embates sobre a educação dos filhos. Embora Angelina possa assegurar alguma coerência em suas práticas, ela tem garantias muito frágeis de que a neta vai se manter no “caminho de Deus”. Isso porque a avó disputa com as práticas “do mundo”. De fato, ao final da pesquisa de campo, Bárbara começava a cessar seus compromissos religiosos após um problema de saúde de Angelina que a impedia de frequentar a igreja diariamente.

Angelina tem expectativas claras em relação à educação de Bárbara. Ela prioriza o controle moral e social rigoroso e aposta na escolarização como meio para garantir um futuro estável no mercado de trabalho, que permita à neta ter uma vida mais confortável do que ela e sua filha. Contudo, sendo culturalmente distante da escola, Angelina não sabe o que cobrar em termos de currículo e práticas. Ela exige que a instituição seja um espaço de segurança física e que evite o que considera o desvio moral da neta. Orientada pela lógica religiosa, a avó espera da neta uma ascese comportamental. Ela teme que a sociabilidade escolar coloque esses comportamentos e valores em risco: teria sido por influência das “más companhias” que foi reprovada no 1º ano do ensino médio. Assim, ao falar das expectativas que possui para o futuro da neta, Angelina não menciona algum plano que passe pela escolarização além do ensino médio ou técnico profissionalizante, mas, sobretudo, fala do desejo da neta ter uma família que considera estruturada, com trabalho e vida pessoal ascética.

As famílias da terceira e última fração de classe identificada no território vivem em situação de constante privação dos meios de vida elementares e estão expostas cotidianamente a situações extremas. A preocupação diária dessas famílias é garantir as necessidades básicas de sobrevivência, tais como alimentação, proteção e abrigo. Elas não têm trabalho regular, sequer informal, e vivem expostas a perigos e instabilidades financeira, habitacional, alimentar e sanitária. Com tamanha absorção pelo presente imediato, elas não têm meios para forjar planos futuros e empreender práticas para realizá-los. O nível de escolaridade dos adultos desse grupo também é mais baixo: nenhum dos entrevistados adultos completou a educação básica.

Tereza vive em situação de extrema pobreza. Ela mora em uma casa de cômodo único e suspensa sobre palafitas no Baixo Harmonia. O cômodo não tem porta, mede cerca de 20 m<sup>2</sup> e nele habitam sete pessoas: dois adultos, Tereza e seu marido, e mais cinco crianças – uma sobrinha de 11 anos, os filhos de 8 e 6 anos e os gêmeos de 9 meses. Duas outras filhas de Tereza, mais velhas, casaram-se na

adolescência e abandonaram os estudos; uma delas foi assassinada pelo marido quando ele estava sob efeito de drogas. Não tendo completado o ensino fundamental, os adultos têm dificuldade para conseguir postos de trabalhos estáveis: ela estava desempregada quando foi entrevistada e seu marido fazia bicos como ajudante geral.

Diante da necessidade diárias de dar conta da organização familiar e garantir mínimos de subsistência, a educação escolar não é uma prioridade no cotidiano das famílias desse grupo. Assim como visto por Sá (2017), essas mães possuem dificuldades até mesmo de planejar o presente e não têm meios para organizar sua reprodução social em buscar posições sociais mais altas, mesmo que nas frações das classes populares. Assim, a sobrinha de Tereza e sua filha de 8 anos estavam matriculadas na escola do bairro e nenhuma das duas estavam alfabetizadas no momento da entrevista; a filha caçula estava matriculada na EMEI do bairro.

Tereza tampouco consegue participar com regularidade de relações e atividades que poderiam mitigar sua penúria. Nesse contexto, a igreja é o principal local de apoio para lidar com essas dificuldades, pois ali recebe doações e descobre ações e projetos sociais. Tereza, assim como a Angelina do grupo intermediário, frequenta os cultos diários da IPAPC, onde é missionária. Ela normalmente vai acompanhada das crianças da sua casa, de sua mãe e outras mulheres de sua família. Sua sociabilidade se restringe substancialmente aos universos religioso e familiar.

Nessa fração de classe mais baixa, o horizonte educacional é ainda mais curto, e a conclusão do ensino médio é incerta. Apesar das mães desse grupo reconhecerem no diploma escolar um meio de conquistar posições mais estáveis no mercado de trabalho, elas esperam principalmente que a escola seja um lugar de cuidado e de guarda, que permite tanto que elas deixem os filhos ali para realizar seus próprios afazeres, quanto um lugar que os proteja do que é percebido como perigos da rua e males do mundo. Tereza considera a escola da Vila Harmonia muito boa. Sua única queixa é com a falta de vigilância nos horários de entrada e saída da escola e, por isso, acompanha os filhos até o portão. Embora Tereza deseje que seus filhos e sua sobrinha completem a educação escolar, consigam trabalho regular e não se envolvam com drogas, ela não possui recursos materiais nem exemplos concretos que sustentem esses objetivos. Nem mesmo o comportamento ascético, via a participação diária nos cultos da igreja, proporciona meios para que Tereza exerça uma regulação comportamental em relação aos seus filhos, que possuem poucas regras e limites de circulação e sociabilidade no bairro.

Para as mães nessa condição, a religiosidade, por conferir poder simbólico a suas práticas, é instância que as ajuda a tentar levar adiante práticas de evitação dos riscos extremos do bairro e de regulação de papéis no interior da família. Elas, assim como Sônia que pertence ao grupo intermediário, tentam regular as práticas dos homens com base em um homem ideal propagado pelo discurso religioso, que deve ser o provedor financeiro, um bom pai e um esposo presente, não ter vícios e não ser violento. Tereza e a outra entrevistada dessa fração declaram que seus esposos se tornaram, aos seus olhos, melhores pais e maridos ao se envolverem com o evangelho, o que teria melhorado a vida familiar. Eles pararam ou reduziram o consumo de álcool e drogas, tornaram-se mais presentes em casa, menos violentos e conseguiram inserção no mundo do trabalho.

Porém, no que diz respeito à educação dos filhos, nenhuma das mães desse grupo assume o comportamento ascético religioso como uma estratégia de regulação moral e social. Para elas, a religiosidade e a consequente adesão a um estilo de vida evangélico são algo individual, de foro íntimo. As entrevistadas declaram ser possível, “por obra de Deus”, que seus filhos “façam escolhas” contrárias

aos ensinamentos bíblicos. Elas conhecem a possibilidade objetiva de que essas crianças e jovens passem a consumir drogas, se envolver com o tráfico e que tenham uma vida sexual não condizente com o discurso evangélico. Contudo, não possuem meios para empreender práticas eficazes para evitar os destinos sociais dramáticos a que estão sujeitas e, muito menos, para levar adiante projetos de reprodução social em direção às frações mais altas das classes populares. A falta de garantia de êxito dessas práticas é legitimada pelo próprio discurso religioso levantado pelas entrevistadas, que embora preveja o livre-arbítrio dos indivíduos, termina exprimindo uma resignação fatalista: todos os acontecimentos teriam uma justificativa divina, sendo explicados por uma lógica muito além do controle delas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado pela literatura, observamos que o segmento evangélico é muito plural no que diz respeito a suas estruturas, a suas práticas e doutrinas religiosas. Apesar disso, a regulação moral é uma constante. Observamos também que as diferenças entre as igrejas se relacionam com as diferenças entre frações de classe: as mais estruturadas e maiores têm mais condições para ofertar atividades homólogas ao universo escolar e são frequentadas e lideradas por pessoas mais escolarizadas. Assim, tendem a receber famílias das frações mais altas, que têm mais recursos para nutrir aspirações escolares mais ambiciosas e para empreender prática orientadas por essas ambições. Isto, porém, não se dá nas igrejas de estrutura menor, que não têm meios para oferecer atividades próximas ao universo escolar e conta com líderes e fiéis com baixa escolarização. Essas outras igrejas não têm meios para estimular aspirações escolares mais ambiciosas e recebem famílias das frações sociais mais baixas, que não possuem recursos para práticas orientadas para essas ambições.

Desse modo, as igrejas que parecem corresponder ao modelo teórico que postula a hipótese da vantagem escolar dos evangélicos - devida ao letramento e outras atividades homólogas à escola - não estão nos grupos mais pobres, nas frações intermediária e baixa. Elas são as que têm fiéis da fração mais alta encontrado na pesquisa e de pessoas de classe média, que também são grupos mais escolarizados.

Todas as entrevistadas, porém, encontram na religião uma forma de identificação pela qual elas podem ter suporte simbólico e/ou material para os seus dramas pessoais. A vida religiosa também opera nelas a legitimação de suas convicções e seus esforços. A identificação com os outros e com as instituições religiosas lhes conferem poder para seguirem com suas batalhas: por um presente melhor, principalmente nas frações intermediária e baixa, e também por ambições futuras, nas frações mais altas. Nesse sentido, a religiosidade lhes confere autoridade para empreender a autorregulação de seus comportamentos e, mais ainda, para tentarem regular as práticas e relações sociais dos demais membros da família. Essa demanda pelo controle moral das práticas e das relações sociais pode ter implicações sobre a escolarização; porém, com diferenças entre os grupos.

Todas as entrevistadas demandam que a escola seja um lugar de proteção e de cuidado dos filhos, no qual eles estejam protegidos de problemas relacionados ao tráfico e uso de drogas, a diversas formas de violência e ao início precoce da vida sexual. Todas, portanto, demandam da escola, em alguma medida, o fortalecimento da educação moral afim à lógica religiosa. Mas apenas a família da fração mais alta, Silvia, que possui o curso de graduação em pedagogia, afirma ter uma preocupação de qualidade em relação aos saberes conceituais da escola e mobiliza estratégias de matrícula que vão além de aspectos

relacionados à segurança. Nas demais famílias, o interesse com o saber escolar não é mobilizado em suas falas e nem em suas práticas, sobressaindo a preocupação com a segurança física e moral.

As famílias da fração de classe mais baixa conseguem, no máximo, mobilizar práticas de autorregulação. A mãe Tereza vive em situação de alta vulnerabilidade social e a igreja é o principal meio de suporte simbólico e material para ela, que não consegue mobilizar práticas que vão além dos esforços para suprir necessidades imediatas e cotidianas. No grupo intermediário, Angelina possui certa estabilidade financeira que lhe permite mobilizar algumas práticas que visam um futuro melhor, mas estas estão mais relacionadas à regulação moral e a evitação do que considera os males do território. Nesse sentido, a religião tem um papel importante para essas mulheres que, a partir do discurso institucional e da frequência aos rituais, atualizam sua fé e suas práticas reguladoras na crença de um futuro mais próspero. Tais práticas, porém, devido a constante ameaça de instabilidade financeira e da disputa com outras distintas moralidades presente no território, são frágeis e limitam suas expectativas futuras. Todas esperam da escola esse reforço, mas a desigualdade da oferta educacional é percebida também em termos de condições de manutenção da ordem e do provimento de cuidados. A escola do bairro, principalmente, por ser vista como extensão da rua, é percebida como um espaço no qual as crianças e jovens estão expostos aos mesmos riscos da vizinhança.

Em síntese, verificamos que a religiosidade evangélica é parte da identidade das mulheres entrevistadas, influenciando suas visões de mundo e a expectativa de que a escola reforce valores e modos de controles de si coerentes com a moral religiosa. Porém, são suas posições no espaço social que determinam a relação que possuem com a escolarização. A construção, pela vida religiosa ativa em igrejas evangélicas, de disposições duradouras e rentáveis no espaço escolar e de aspirações escolares é variável, relacionando-se às desigualdades sociais, às diferenças na estrutura e na composição social dos fiéis e dos líderes das igrejas, bem como no acesso diferente que têm às oportunidades educacionais disponíveis no território.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 3, p. 92-100, 2001. <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300012>>.

ANUATTI-NETO, Francisco; NARITA, Renata Del Tedesco. A influência da opção religiosa na acumulação de capital humano: um estudo exploratório. *Estudos Econômicos*, v. 34, n. 3, p. 453-486, 2004. <<https://doi.org/10.1590/S0101-41612004000300003>>.

BATISTA, Antônio; CARVALHO-SILVA, Hamilton. *Família, escola, território vulnerável*. São Paulo: Cenpec, 2013. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/pesquisa/familia-escola-territorio-vulneravel-2/>>. Acesso em: 06/10/2025.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2007b.

BRITO, Murillo M. A. de. Novas tendências ou velhas persistências? Modernização e expansão educacional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 163, p. 224-263, 2017. <<https://doi.org/10.1590/198053143789>>

CERDEIRA, Diana. Religiosidade de estudantes: trajetórias e perspectivas escolares: resultados de um survey no Rio de Janeiro. *Boletim SOCED*, n. 3, p. 1-19, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8459&idi=1&rc=1>. Acesso em: 06/10/2025.

CUNHA, Nina M.; RIOS-NETO, Eduardo Luiz G.; OLIVEIRA, Ana Maria H. C. Religiosidade e desempenho escolar: o caso de jovens brasileiros da região metropolitana de Belo Horizonte. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 44, n. 1, p. 71-116, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/items/b8e99ef8-924b-464f-9ba8-bd6e59978488>>. Acesso em: 06/10/2025.

DUARTE, Luiz Fernando; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam L. de; PEIXOTO, Clarisse. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

ERNICA, Mauricio; BATISTA, Antônio Augusto G. A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, p. 640-666, maio 2012. <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200016>>.

FAN, Chengze S. Religious participation and children's education: A social capital approach. *Journal of Economic Behavior and Organization*, v. 65, p. 303-317, 2008. <<https://doi.org/10.1016/j.jebo.2005.11.002>>.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: IFCH-Unicamp, 1993. <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1993.69813>>.

GRIGNON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le Savant et le Populaire: Misérabilisme et populisme en sociologie et en littérature*. Paris: Gallimard, 1989.

HORWITZ, Ilana. *God, Grades, and Graduation: religion's surprising impact on academic success*. New York: Oxford University Press, 2022. <<https://doi.org/10.1093/oso/9780197534144.001.0001>>.

KERSCH, Dorotea F.; SILVA, Michele O. da. Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim: quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 51, n. 2, p. 389-408, 2012. <<https://doi.org/10.1590/S0103-18132012000200007>>.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAMONT, Michèle. *The dignity of working men: morality and the boundaries of race, class, and immigration*. New York: Russell Sage Foundation, 2000.

LANZA, Fabio; SOFIATI, Flávio M.; CARDOSO, Kaique M. Trânsito religioso intrapentecostal no Brasil contemporâneo: a juventude do Geração Fusão. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 37, n. 2, p. 99-119, maio/ago., 2023. <<https://doi.org/10.15603/er37299-119>>.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação & Pesquisa*, v. 46, p. 13-82, 2007. <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200002>>.

LEHRER, Evelyn L. Religion as a determinant of economic and demographic behavior in the United States. *Population and Development Review*, v. 30, n. 4, p.707-726, 2004. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3657335>>. Acesso em: 06/10/2025.

LEITE, Márcia P. Religião e política no espaço público: moradores de favela contra a violência e por justiça. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara (Orgs.). *Religião e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. Rio de Janeiro: Terceiro Nome, 2009. p. 123-150.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (Orgs.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. Rio de Janeiro: Terceiro Nome, 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MACHADO, Carly B. A igreja ajuda a UPP e a UPP ajuda a igreja: reflexões sobre pacificação, religião e política a partir de uma igreja Assembleia de Deus da Baixada Fluminense. In: Anais do 37º Encontro Anual da Anpocs, Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, 2013. <<https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n3p075>>.

MIRANDA, Luciana A. de. *Improváveis: trajetórias de homens pretos de camadas populares rumo ao ensino superior*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2024. Disponível em: <<https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1392668>>. Acesso em: 06/10/2025.

MONTEZANO, Maria de Lourdes da C. *Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20062007-111410/pt-br.php>>. Acesso em: 06/10/2025.

NOGUEIRA, Maria Alice. No fio da navalha: a (nova) classe média brasileira e sua opção pela escolaridade particular. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, N. (Orgs.). *Família & escola: novas perspectivas de análise*. São Paulo: Vozes, 2013, p. 61-80.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2019. <<https://doi.org/10.12957/irei.2018.39020>>.

NOVAES, Regina. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Cadernos do ISER, v. 19. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Lesly V.; PEDROSO, Janari da S. Desenvolvimento de crianças sob influência dos contextos sociais e da religiosidade. *Interação em Psicologia*, v. 21, p. 1-8, 2017. <<https://doi.org/10.5380/psi.v21i1.46448>>.

PAIXÃO, Lea P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 124, p. 141-170, 2005. <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000100008>>.

PINTO, Rosa Maria F.; MICHELETTI, Fátima Aparecida B. de O.; BERNARDES, Luzana M.; FERNANDES, Joice Maria P. A.; MONTEIRO, Gisela V.; SILVA, Magda L. N.; BARREIRA, Tânia Maria H. M.; MAKHOUL, Aparecida F.; COHN, Amélia. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. *Serviço Social & Sociedade*, n. 105, p. 167-179, 2011. <<https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010>>.

PORELLI, Ana Beatriz G. *Jovens evangélicos e suas relações com a escola de ensino médio*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1406472>. Acesso em: 06/10/2025.

PORTES, Écio A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. São Paulo: Vozes, 2003. p. 61-80.

SÁ, Lilian L. F. de. *A circulação de crianças e os sentidos da escolarização para mães de criação que vivem em territórios vulneráveis*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017. <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.983429>>.

SILVA, Marcos Antônio. *Religião e escola: as condições de escolarização de estudantes evangélicos em uma escola pública de ensino médio*. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/items/4e44fe72-5606-4851-9be5-e25743ca4768>>. Acesso em: 06/10/2025.

SOARES, José Francisco; RIGOTTI, José I. R.; ANDRADE, Luciana T. As desigualdades socioespaciais e o efeito das escolas públicas de Belo Horizonte. In: RIBEIRO, L. C. Q.; KAZTMAN, R. (Orgs.). *A cidade contra a escola? segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital; Montevidéu: Ippes, 2008. p. 119-144.

SOUZA, Jesse. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SOUZA, Jesse. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SPYER, Juliano. *O povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TEIXEIRA, Ana D. G. A socialização em grupos religiosos católicos: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/items/1bbe8f0b-1cdd-4a42-8604-07dddc93ee2a>>. Acesso em: 06/10/2025.

TEIXEIRA, Jacqueline M. *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05032013-120422/en.php>>. Acesso em: 06/10/2025.

THIN, Daniel. Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia. *Educação & Pesquisa*, v. 36, spe, p. 65-77, 2010.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 211-225, 2006.

**Submetido:** XX/XX/XXXX

**Aprovado:** XX/XX/XXXX

**Editor(a) de seção:**

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Marina Nascimento Minarelli – Conceptualization, data curation, formal analysis, investigation, methodology, writing – original draft.

Mauricio Ernica – Conceptualization, formal analysis, writing – original draft.

### **FINANCIAMENTO**

Este trabalho contou com apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, no âmbito do Programa de Pós-Graduação, desenvolvido no contexto do Mestrado em Educação, Unicamp, sob orientação de Mauricio Ernica.

### **DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS**

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.